

Revista *Nova Escola*: o discurso pedagógico em pauta¹

Giovani Ferreira Bezerra

Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, campus de Paranaíba, Parnaíba, MS - Brasil.

gfbezerra@gmail.com

Doracina Aparecida de Castro Araujo

Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, campus de Paranaíba, Parnaíba, MS - Brasil.

doracina@gmail.com



Educação: teoria e prática, Rio Claro, SP, Brasil - eISSN: 1981-8106

Está licenciada sob [Licença Creative Common](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/)

Resumo

O artigo objetiva descrever a Revista *Nova Escola* e algumas de suas tematizações quanto à *pauta* pedagógica. Além disso, divulga os resultados de um levantamento realizado junto ao banco de teses e dissertações da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes) acerca das pesquisas acadêmicas que, entre 2001 e 2010, tomaram-na como mote, haja vista seu forte apelo na formação docente. Os dados apontam 46 estudos focalizados na revista, dentre trabalhos de mestrado e doutorado, com predominância dos primeiros. Os temas mais pesquisados, segundo a leitura dos resumos disponíveis no portal Capes, referem-se à forma como o periódico representa a identidade docente, as interfaces entre linguagem, discurso e manipulação ideológica, além de pesquisas que investigam o posicionamento de *Nova Escola* sobre práticas pedagógicas voltadas ao ensino de disciplinas escolares. Alguns assuntos frequentemente abordados pela revista têm sido negligenciados pelas dissertações e teses, pois não foram sequer encontradas pesquisas referentes às concepções do periódico quanto à escola inclusiva e alfabetização, dentre outros. Indica-se, portanto, a existência de lacunas no estudo das interfaces entre educação e imprensa pedagógica.

Palavras-chave: Imprensa periódica educacional. Mídia e Educação. Revista *Nova Escola*. Discurso Pedagógico.

¹ Este artigo contou com o financiamento da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes), em virtude da realização de pesquisa de mestrado em educação.

***Nova Escola* magazine: the pedagogical discourse on the agenda**

Abstract

The article aims to describe the *Nova Escola* Magazine and some of his staff about the educational thematizations. In addition, disclose the results of a survey conducted at the bank of theses and dissertations of the Coordination of Improvement of Higher Education Personnel (Capes) about the academic research that between 2001 and 2010, took it as a motto, given its strong appeal in teacher education. The data indicate that the magazine is the subject of 46 studies, including masters and doctoral work, with a predominance of the former. The most searched topics, second reading of abstracts available in the portal Capes, refer to the journal represents how teacher identities, interfaces between language, discourse and ideological manipulation, and research to study the positioning of the *Nova Escola* on practices teaching aimed at teaching school subjects. Some issues addressed by the magazine often have been neglected for dissertations and theses, because they were not even found research on the conceptions of the journal for inclusive schools and literacy, among others. Indicates, therefore, the existence of gaps in the study of interfaces between education and educational media.

Keywords: Educational Periodical Press. Media and Education. *Nova Escola* Magazine. Pedagogic Discourse.

1 Introdução

Este artigo tem por finalidade revisar a literatura disponível sobre a revista *Nova Escola*, tomando como objeto de estudo as pesquisas de mestrado e doutorado produzidas entre os anos de 2001 e 2010, que elegem o citado periódico como *corpus* da investigação teórica. Consideradas como um veículo midiático direcionado à divulgação de fatos contemporâneos, as revistas sintetizam mudanças e permanências que se processam na história de um dado tema, permitindo um diagnóstico imediato de como este foi e/ou é concebido em determinado tempo e espaço. Elas representam tanto as memórias do passado, como o registro vivo e pulsante do presente. Por conseguinte, estabelecem um diálogo constante com o leitor e promovem “[...] a institucionalização de saberes e ideias que se encontram latentes no contexto cronológico em que ocorrem” (SILVA, 2009, p. 19).

Especificamente, no caso das revistas especializadas e dirigidas ao público docente, como é o caso de *Nova Escola*, pode-se dizer que “[...] são testemunhos da circulação de conteúdos de ensino e métodos pedagógicos” (CHOPPIN, 2004, p.565). Dessa perspectiva, possibilitam um olhar privilegiado para o cenário escolar e a formação de professores. Em outras palavras, a imprensa periódica educacional é “[...] um meio [...] útil para compreender as relações entre a teoria e a prática, entre os projectos e as realidades, entre

a tradição e a inovação [...]” (NÓVOA, 2002, p. 31). Como bem sintetiza, ainda, o escritor português, “A imprensa é, provavelmente, o local que facilita um melhor conhecimento das realidades educativas, uma vez que aqui se manifestam, de um ou outro modo, o conjunto dos problemas da área” (NÓVOA, 2002, p. 31).

É indispensável conhecer, portanto, mesmo que em linhas gerais, a maior publicação brasileira, dentre aquelas de tiragem não acadêmica, direcionadas à educação e ao ensino: *Nova Escola*, bem como as pesquisas divulgadas sobre ela em nosso país. Outrora já qualificada como uma revista *para professores do 1º grau*, posteriormente denominada *revista do Ensino Fundamental e revista do professor*, a atualíssima *revista de quem educa* participa da nova sociabilidade forjada pelos meios de comunicação de massa, entendidos como “[...] poderosos agentes culturais, [que] influenciam decisivamente a educação, a socialização, compreendendo indivíduos e coletividades” (IANNI, 2005, p. 33). Conhecê-la é, pois, uma exigência para quem deseja ler o discurso pedagógico além das palavras, percebendo as teias e cadeias subentendidas nas *(entre)linhas*.

2 O objeto de estudo

A revista *Nova Escola* é um periódico direcionado para educadores e profissionais envolvidos diretamente com a educação. No *site* onde é comercializada, o *AssineAbril.com*, aparece como aquela que “auxilia o educador na complexa tarefa de ensinar. Aborda temas atuais, apresenta soluções inovadoras e as mais modernas práticas de sala de aula” (NOVA ESCOLA, s.d.). Embora se apresente como revista de educação, o periódico adota, entretanto, um modelo jornalístico, muito próximo ao de revistas de notícias. Exceto por algumas colunas e artigos produzidos por especialistas em educação ou áreas correlatas, as matérias são escritas e/ou editadas por jornalistas profissionais, que, frequentemente, vão a campo para escrever suas reportagens ou para a realização de entrevistas (SMOLKA; GENTIL, 2004; GENTIL, 2006; SILVA, 2009)².

Sua periodicidade é mensal, sendo que os meses de janeiro/fevereiro e junho/julho, correspondentes ao período de férias escolares, circulam, respectivamente, em um mesmo

² Vide, como exemplo da participação direta de especialistas, as colunas *Helôisa responde* e *E agora, Telma?* A primeira coluna aparece a partir de dezembro de 2010 (GROSSI, 2010); a segunda, na edição de janeiro/fevereiro de 2011 (GROSSI, 2011b). Já na seção *Na dúvida*, especialistas e professores em diversas áreas do conhecimento são ouvidos para que a revista formule respostas às perguntas dos leitores. A edição final, porém, é sempre do periódico.

número, totalizando-se dez exemplares por ano. Até 1997, porém, eram apenas nove edições anuais, pois não se publicavam exemplares para os meses de janeiro, fevereiro e julho (GROSSI, 2001). Desde quando foi criada, e até hoje, é comercializada sem fins lucrativos, pois recebe patrocínio da Fundação Victor Civita. Segundo nota reproduzida em todos os números, “*Nova Escola*, a maior revista de educação do Brasil, circula em todo o país desde março de 1986 e é uma publicação da Fundação Victor Civita (FVC). É vendida a preço de custo - você só paga o papel, a impressão e a distribuição [...]” (NOVA ESCOLA, 2011a, p. 16).

Lançada em março de 1986, o periódico editado pela FVC já contabiliza 25 anos de existência ininterrupta. Em relação às demais revistas nacionais, independentemente de enfoque pedagógico, possui a segunda maior circulação no país (FUNDAÇÃO..., s.d.), perdendo apenas para a revista *Veja*, publicação semanal da Editora Abril (BAPTISTA; ABREU, 2010), empresa que também patrocina *Nova Escola* e integra o Grupo Abril, poderoso conglomerado financeiro controlado pela família Civita. Entre as revistas da imprensa pedagógica, *Nova Escola* já lidera soberana, com a maior tiragem de exemplares (BARBOSA; MAZZONETTO; MIRANDA, 2007; NOVA ESCOLA..., 2011b), fato que a coloca em vantagem na disputa ideológica pela influência na formação inicial e continuada dos docentes de todo o Brasil, quando comparada a outros periódicos de mesma linha temática. Como se lê em certo editorial da revista, esta “[...] sempre retratou a realidade de nossas escolas – e vem ajudando a *moldar* o futuro de nossos professores e estudantes” (GROSSI, 2011a, p. 11, grifo nosso).

A edição n. 239, de janeiro/fevereiro de 2011, comemorativa dos seus 25 anos, traz, na carta do editor, um breve panorama da linha temática assumida por ela ao longo do tempo, sendo, portanto, uma fonte valiosa para se fazer uma breve contextualização. Conforme descreve Gabriel Pillar Grossi³, à época diretor de redação,

Ao longo dessas duas décadas e meia, NOVA ESCOLA (sic) acompanhou passo a passo os avanços (e retrocessos) de nossa Educação. Em seus primeiros anos, a

³ Já ocuparam o cargo de diretor de redação de *Nova Escola* as seguintes personalidades: Ana Maria Sanchez (março de 1986 a setembro de 1994), João Vitor Strauss (outubro de 1994 a outubro de 1997), Elizabeth de Fiore (novembro de 1997 a outubro de 1999), Gabriel Pillar Grossi (novembro de 1999 a outubro de 2003) e Nilcéa Nogueira (novembro de 2003 a dezembro de 2005). De janeiro de 2006 até dezembro de 2011, o mesmo Gabriel Pillar Grossi esteve no cargo de diretor de redação pela segunda vez. Atualmente, desde janeiro de 2012, Maggi Krause está exercendo essa função.

revista fazia muitas reportagens sobre trabalho infantil, prostituição, drogas e outros temas que precisavam ser denunciados. Mas também abria suas páginas para mostrar bons exemplos, tanto de escolas e redes públicas espalhadas pelo país como de professores.

Com o passar dos anos, a pauta foi migrando para questões legais e de políticas públicas – a promulgação da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), a campanha para colocar todas as crianças na escola, a criação dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs), os investimentos em computadores e merenda. A revista tratou também – e principalmente – de aspectos ligados à sala de aula (a chegada das ideias construtivistas, as descobertas no campo da alfabetização, as pesquisas didáticas, como garantir que todos aprendam) (GROSSI, 2011a, p. 10, grifo nosso).

No trecho acima reproduzido, extenso, porém panorâmico, observa-se a vinculação teórico-metodológica da revista ao construtivismo e aos estudos psicogenéticos, implicados, inclusive, nas práticas de alfabetização; bem como seu enfoque mais recente no conhecimento didático acerca das disciplinas específicas, com ênfase nas atividades desenvolvidas em sala de aula. No aspecto temático, observa-se que, de início, elegia a inquietação social e a denúncia dos problemas socioeconômicos como pauta privilegiada. Mas, a partir de meados da década de 90, essa tematização inicial cede lugar à divulgação das novas políticas públicas e diretrizes legais para a educação brasileira. Destarte, o periódico assume a condição de informante e facilitador das novas propostas oficiais, sempre se reestruturando, com extraordinária rapidez, para oferecer aos professores fórmulas de *como* implantar corretamente as medidas governamentais em curso.

Ainda com base nas informações elencadas pelo próprio editor, gostaríamos de chamar a atenção para um fato de extrema relevância analítica. Pelo relato de Grossi (2011a), o periódico parece ter feito, na verdade, uma *involução*. Gradativamente, o cenário macrossocial, de onde partiam as reportagens de *denúncia*, foi limitado à dimensão das leis e políticas públicas, até atingir um nível mais restrito ainda, a sala de aula, que compõe o universo microssocial. Nas palavras do editor, “[...] este é o nosso papel: apresentar novidades, surpreender, *apontar caminhos* para ajudar professores como você a *desempenhar* melhor seu *dia a dia dentro da sala de aula*” (GROSSI, 2011b, p. 8, grifos nossos). Não pensamos que tal processo seja tão linear e óbvio quanto a formulação escrita da ideia sugere, mas deve ter existido aí uma dinâmica de forças ao mesmo tempo conflitantes e convergentes, de maneira que, ao lado dos conteúdos de abrangência intermediária, prevaleceram/prevaleceram os aspectos de ordem microssocial nas tematizações do periódico.

Os motivos de se tomar cada vez mais a sala de aula e as práticas pedagógicas em si mesmas como preocupação central da revista podem ser explicados por certos fatores óbvios, mas não apenas. É certo que o ingresso de quase todas as crianças e adolescentes no sistema escolar, devido aos programas sociais de distribuição de renda, o incremento de verbas no setor educativo e a relativa estabilidade nas políticas educacionais projetaram os holofotes para o interior da escola e as relações aí travadas. Não obstante, de acordo com uma leitura mais crítica, é plausível supor certa fetichização da escola e mesmo a despolitização do ensino, mediante a supervalorização dos *saberes tácitos da docência*, do empreendedorismo individual e do pragmatismo pedagógico (DUARTE, 2006, 2010) como resposta aos desafios da sociedade contemporânea, constantemente em luta pela reestruturação da hegemonia capitalista.

Nesse sentido, o discurso de *Nova Escola* parece recuperar, como marca distintiva, elementos de uma concepção educacional ingênua e, portanto, acrítica (SAVIANI, 2000). Seu enfoque temático é restrito ao cotidiano da sala de aula e à relação vertical que se estabelece entre as políticas públicas e os professores. Com isso, o periódico atribui à escola e às práticas curriculares visível autonomia em relação aos determinantes sócio-históricos, projetando para o professor grande parte da responsabilidade por seu sucesso ou fracasso, conforme a lógica meritocrática do modelo neoliberal (GENTILI, 2009). Desse modo, a revista coloca-se como testemunha e agente do esvaziamento pedagógico verificado na pós-modernidade, ao valorizar um *modelo de educador* que se caracteriza pela “[...] busca de resultados práticos para problemas localizados, numa fuga à análise teoricamente fundamentada e politicamente consistente dos princípios presentes em suas ações [...]” (DUARTE, 2006, p. 80).

Conforme nossa aceção, apagam-se, assim, as contradições e os grandes dilemas sociais, que repercutem inevitavelmente na práxis educacional. Afinal, o importante, para a retórica sedutora do *aprender a aprender* (DUARTE, 2006), disseminada pela revista, é o cotidiano alienante da realidade microscópica e o saber intuitivo, pragmático e asséptico, que surge veiculado com doses homeopáticas de concepções teóricas bastante simplificadas⁴. Sob o prisma considerado, as *dificuldades* docentes resultam, basicamente,

⁴ Vide a série de reportagens *Teoria passada a limpo*, inaugurada em novembro de 2010, pela qual se busca dar ao professor conhecimentos sobre teorias psicológicas da aprendizagem. Cada reportagem vem numerada sequencialmente em capítulos, anunciando o tema da próxima edição. São pequenas doses de teoria para os

de uma suposta insuficiência didático-pedagógica do professor para gerir *sua* sala de aula e adaptar-se aos novos tempos; por conseguinte, tal problema pode ser resolvido mediante o simples domínio de *novas competências para ensinar*. Assim, o limite considerado está muito próximo das intervenções e *interações microfenomênicas*, em torno das quais alunos e professores são tragados pelo imediatismo da *praxis* utilitária cotidiana (KOSIK, 2002).

Não é possível, porém, avançarmos na caracterização e análise crítica do referido periódico, bem como de sua estreita proximidade ao discurso pedagógico-jornalístico, sem voltarmos para os estudos de outros pesquisadores que investigaram o mesmo objeto de estudo que também buscamos conhecer. Cumpre explicitar que nosso interesse pela revista em tela assume, todavia, foco e temporalidade bem delimitados. Sabendo que as políticas públicas para a educação têm sido veiculadas e enfatizadas por *Nova Escola*, nos últimos anos, haja vista asserção de Grossi (2011a), estamos desenvolvendo uma pesquisa de mestrado cujo escopo é, justamente, entender como uma dessas políticas públicas, vale dizer, a inclusão escolar, tem sido interpretada em *Nova Escola*, no período entre 2001 e 2011. Tal análise se dá a partir de premissas crítico-dialéticas do referencial marxista. É sabido que “Nos últimos anos, Nova Escola vem acompanhando de perto uma das mais importantes transformações da Educação brasileira: o movimento para oferecer a inclusão das crianças com deficiência na rede regular [...]. Essa evolução foi mostrada em grandes reportagens publicadas na revista” (GROSSI, 2009, p. 6).

A temática é, portanto, recorrente na revista, integrando sua pauta, com certo destaque editorial. Tal constatação nos motivou a realizar o levantamento das produções bibliográficas que têm por objeto de estudo *Nova Escola* e suas *matérias*, a fim de, inicialmente, explicitar se há pesquisas sobre as representações e tematizações da educação inclusiva nessa revista, com foco na inclusão escolar de alunos com deficiência. Os resultados desse levantamento, abaixo apresentados, colocam-se como ponto de partida

professores. Até outubro de 2011, contam-se 10 capítulos aí publicados. Na primeira reportagem, chega-se a aproximar Vigotski e Piaget de modo reducionista, citando que “[...] são muitos os pontos de contato entre o construtivismo piagetiano e a perspectiva desenvolvida pela dupla [numa alusão à Vigotski e Wallon], o sociointeracionismo” (SANTOMAURO, 2010, p. 81). Vigotski jamais defendeu tal perspectiva, como aponta Duarte (1996, 2006), propondo, na realidade, a Psicologia Histórico-Cultural, ao buscar a compreensão do homem em sua totalidade, como ser sócio-histórico, imerso num projeto revolucionário de transição do mundo capitalista ao mundo comunista de produção, segundo os referenciais de uma epistemologia marxista (BARROCO, 2007).

para os encaminhamentos futuros de nossa dissertação e de outros estudos com pretensões similares, ao se identificarem determinadas lacunas e “silêncios” nos estudos já realizados.

3 As pesquisas sobre a revista *Nova Escola* (2001-2011)

Uma das nossas preocupações neste estudo é, justamente, saber o que se tem produzido, entre 2001 e 2011, sobre a revista *Nova Escola*, em termos de dissertações de mestrado e teses de doutorado. É fundamental uma revisão bibliográfica desse gênero, a fim de sabermos como e por onde avançaremos no estudo proposto. Lembramos que uma pesquisa acadêmica define-se, sobretudo, pelo seu rigor metodológico e pelas contribuições que pretende legar aos demais pesquisadores e estudiosos, devendo, portanto, superar algumas lacunas existentes no campo de estudos visado, apontar novos caminhos, novos olhares e mesmo revelar novos problemas, ainda que não possa solucioná-los de imediato. Por conseguinte, a revisão de literatura é o alicerce com o qual devemos iniciar nossa construção; do contrário, teríamos um telhado sem qualquer apoio, insustentável perante a mais leve crítica, além de correremos o risco, comum a pesquisadores iniciantes, de cair no *déjà vu*.

Firmes nesse propósito, recorreremos à *Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior* (Capes), por meio de sua página na internet. No banco virtual de teses, disponibilizadas nesse *site*, buscamos os resumos de teses e dissertações defendidas no intervalo de tempo compreendido entre os anos de 2001 e 2011, com o intuito de localizar aquelas que, de alguma forma, tomassem como objeto de estudo e análise a revista *Nova Escola*. A pesquisa *on-line*, feita a partir dos termos revista *Nova Escola*, digitados no campo *Assunto* da página de busca do *site*, marcada a categoria *expressão exata*, gerou 46 resultados. Desses, apenas um foi descartado, pois apresentava registro duplo⁵.

Cabe mencionar, ainda, que pelas inúmeras trilhas do universo *on-line* localizamos uma tese de 2006 que não constava no portal da Capes; porém, devido à sua relevância,

⁵ Vale dizer que um dos resultados aparece duplicado segundo os critérios da busca, estando disponível tanto para o de 2007 como para 2009. Para desfazer o equívoco, a pesquisa, uma dissertação de mestrado escrita por Andressa Sanches, foi localizada na íntegra. Pôde-se verificar que o ano de defesa é 2007 e não 2009. Diante do fato, contamos apenas uma vez o trabalho, entre os estudos de 2007, contabilizando 45 resultados não repetidos no *site* da Capes. Houve, ainda, o acréscimo de uma tese de doutorado, que, mesmo não cadastrada na Capes, foi incluída na revisão de literatura. Com isso, o quantitativo total permaneceu em 46 pesquisas.

incluímos na pesquisa. Isso nos leva, também, a ponderar que a busca em outros bancos de dados virtuais, sob outros descritores, pode, certamente, gerar resultados distintos daqueles que ora apresentamos. No limite das buscas efetuadas, estamos autorizados a dizer apenas que, após o término geral do levantamento, foram compiladas, entre 2002 e 2010⁶, 46 produções acadêmicas referentes à revista *Nova Escola*, abarcando o período de quase uma década.

Perante a heterogeneidade do material coletado, agrupamos as pesquisas abordadas segundo as temáticas mais frequentes com as quais nos deparamos. Todavia, essa se revelou uma tarefa bastante complexa e não definitiva. Em parte, as dificuldades explicam-se pelo fato de nos concentrarmos basicamente na leitura dos resumos e das palavras-chave, já que a Capes não disponibiliza os textos na íntegra. Por outro ângulo, os estudos tangenciam, quase sempre, diversos assuntos, o que também complica tarefa do pesquisador.

Como se sabe, toda categorização comporta em si certo reducionismo e prioriza partes do real. Para fins didáticos e investigativos, porém, levantamentos dessa natureza tornam-se bastante úteis e práticos aos estudiosos interessados em prosseguir com investigações na área. Somos, por isso, motivados a fazê-lo, apesar dos riscos envolvidos na ação de categorizar. Como contrapartida, entendemos que uma proposta de categorização pode sintetizar itinerários já percorridos, bem como explicitar tendências nas pesquisas sobre *Nova Escola* nos últimos anos. Não se descartam, obviamente, outras possibilidades de agrupamento, inclusive com a inserção de determinadas pesquisas em mais de um critério, o que, por ora, não fizemos, nem mesmo a recorrência a outras bases de dados.

Na verdade, propomos uma lógica categorial bastante simplificada, a título de uma sistematização provisória e indicativa, totalizando 15 categorias que levam em conta a produção bibliográfica do periódico *Nova Escola* e suas tematizações, inter-relacionadas às práticas e aos discursos pedagógicos. Em ordem alfabética, elas ficaram assim definidas: *Adolescência; Avaliação da aprendizagem, planejamento e práticas de projetos; Cartas do leitor, Construtivismo/abordagem por competências; Diversidade cultural e étnico-racial; Educação infantil; Gestão democrática; Identidade e modelo docente/representações sobre a docência; Linguagem e discurso; Lúdico e educação escolar; Modelagem de leitores e*

⁶ Para o ano de 2001, a busca virtual não acusou nenhuma pesquisa e, para 2011, quando do fechamento deste artigo, a Capes não havia disponibilizado nenhuma tese ou dissertação em seu portal referente a esse ano.

práticas de leitura; Políticas públicas e/ou curriculares; Práticas pedagógicas e/ou ensino de disciplinas; Sexualidade e Subjetividade/autodisciplinamento. O gráfico 1 dá uma ideia acerca da incidência quantitativa dessas categorias, para facilitar a visão panorâmica do leitor.

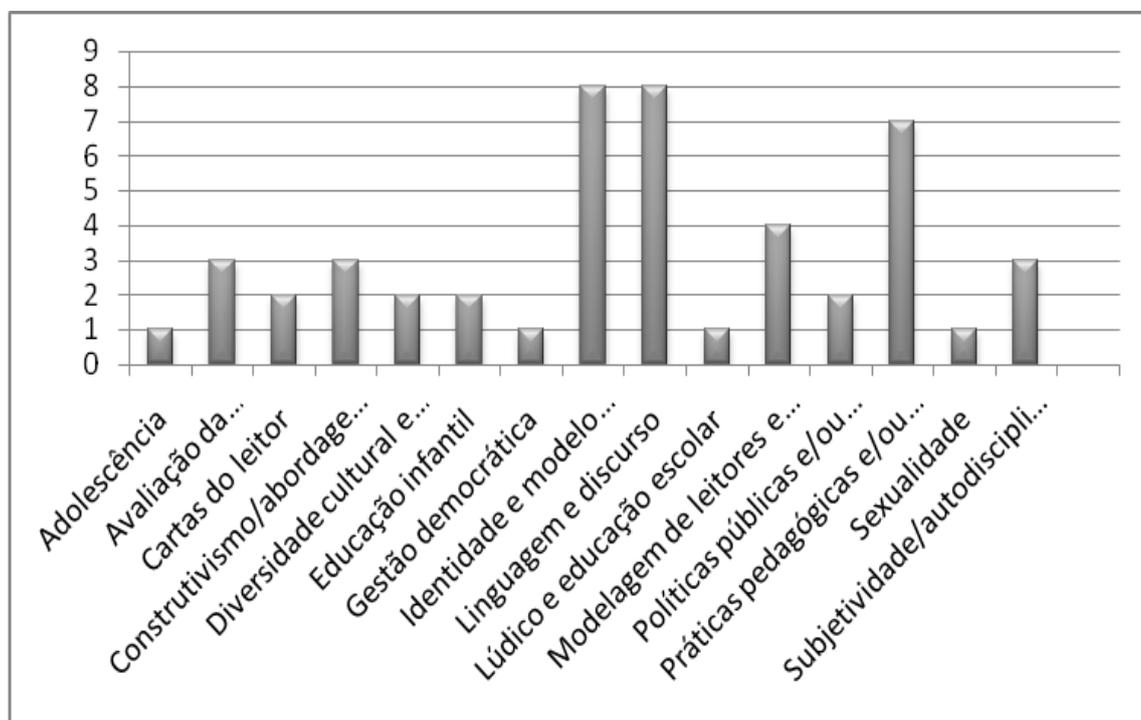


Gráfico 1 - Distribuição quantitativa de categorias
Fonte: Os autores

A primeira delas versa sobre a adolescência e suas repercussões na prática pedagógica. A segunda incorpora pesquisas relacionadas a matérias publicadas no referido periódico sobre a avaliação da aprendizagem; práticas de planejamento e propostas de educação escolares pensadas segundo a organização por projetos. *Cartas do leitor* é uma categoria em que a temática central é perscrutar a interatividade estabelecida entre os leitores-professores e a revista, por meio das correspondências enviadas ao periódico. A categoria seguinte engloba trabalhos referentes ao Construtivismo e à proposta de desenvolvimento profissional do educador com base na abordagem por competências, divulgada pelo sociólogo suíço Philippe Perrenoud.

Diversidade cultural e étnico-racial trata da visibilidade negra e diferenças culturais de um modo geral, conforme concebidas e narradas por *Nova Escola*. Em *educação infantil*, são agrupadas pesquisas que, apesar de considerarem outros temas relevantes, como políticas públicas e representações da revista sobre a docência, colocam a educação infantil

como alvo privilegiado. *Gestão democrática*, categoria autoexplicativa, figura apenas com um trabalho, notando-se pouca atenção dada ao tema pela investigação acadêmica⁷.

Identidade e modelo docente/representações sobre a docência e Linguagem e discurso aparecem empatadas. A primeira agrupa pesquisas sobre perfis de professor expressos pela revista, sua concepção de trabalho docente, o imaginário pedagógico relacionado à figura do professor ideal e questões identitárias que margeiam o ofício docente, segundo representações disseminadas pela mídia aqui analisada ou, ainda, referentes a ela. A segunda reúne trabalhos mais específicos sobre a análise de textos publicitários, construções metafóricas em torno da figura docente, relações entre semântica, enunciação e dialogia, além de estudos sobre formações discursivas e efeitos de sentido objetivados nas páginas de *Nova Escola*. Há, também, pesquisas que se voltam estritamente para o estudo de capas e títulos do periódico.

Lúdico e educação escolar é uma categoria composta pela pesquisa de Martinez (2006); apesar de numericamente pouco significativa, partimos do pressuposto de que é importante realçá-la, em vez de a mantermos diluída em outra categoria qualquer, dada a ênfase do tema na literatura pedagógica especializada e na formação docente. *Modelagem de leitores e práticas de leitura* remete-nos às pesquisas cujo interesse precípua é verificar como a revista *Nova Escola* molda seus leitores, quais os hábitos de leitura dos professores, sua repercussão na prática pedagógica e/ou como a própria leitura é tematizada no periódico. Já em *Políticas públicas e/ou curriculares* reunimos as pesquisas que situam mais diretamente o discurso da revista em relação a reformas do Estado e mudanças educacionais introduzidas pelo governo.

Práticas pedagógicas e/ou ensino de disciplinas é também muito significativa em número de ocorrências. Nela elencamos os trabalhos que põem em evidência a concepção de *Nova Escola* sobre o processo de ensino-aprendizagem das diversas disciplinas escolares, perpassando aspectos tangenciais à formação especializada do docente e ao desenvolvimento de práticas curriculares consideradas adequadas pelo discurso do periódico, em campos específicos do saber. *Sexualidade*, como *Gestão democrática*, é outra

⁷ Cabe ressaltar, todavia, que o tema da gestão escolar tem experimentado maior atenção do periódico e da FVC nos últimos anos. Já em 2009, essa fundação, subvencionada pelo Grupo Abril, lançou a revista *Nova Escola Gestão Escolar*, uma publicação bimensal voltada aos coordenadores pedagógicos, diretores e supervisores escolares. O primeiro número da revista, que continua ativa e em franca ascensão editorial, saiu em abril/maio daquele ano.

categoria monovalente, pois só localizamos uma pesquisa que problematizasse as representações de *Nova Escola* a respeito do assunto. Por fim, *Subjetividade e autodisciplinamento* congrega trabalhos nos quais se discutem questões pertinentes à indústria cultural e mecanismos contemporâneos (auto)disciplinamento, a qualidade do ensino pela valorização da pessoa do educador e a produção discursiva de suas subjetividades nas seções da revista supracitada.

Após o exposto, em que tentamos traçar uma breve caracterização das pesquisas acadêmicas sobre *Nova Escola* nos últimos anos, é preciso, ainda, considerar que o periódico assume graus de importância diversos em cada estudo mencionado. Às vezes, é o *corpus* principal da investigação, sua razão mesma de ser; em outras, é apenas pano de fundo ou material de apoio, ilustrando determinadas concepções e discursos pesquisados. Todavia, esse aspecto não será, agora, aprofundado, mas reservado como objeto de estudos futuros que tenham por objetivo elaborar um mapeamento bastante detalhado sobre a revista e sua repercussão no cenário acadêmico.

Da mesma forma, deve-se dizer que, dentre as teses e dissertações catalogadas, algumas não se voltam apenas para a análise de *Nova Escola*, mas consideram também outros periódicos da chamada imprensa pedagógica. Esse viés precisa ser ponderado por pesquisadores com intenções muito específicas, inclusive com buscas mais refinadas e seletivas. Tais aspectos, porém, não nos mobilizam por enquanto, e escapam às fronteiras deste artigo. A seguir, os dados coletados por esse levantamento inicial são discutidos de forma crítico-analítica, na tentativa de se realizar um *balanço* da década.

4 Discussão

Diante do itinerário percorrido, podemos, enfim, sistematizar algumas informações oportunas e suscitar novos debates. Com a pesquisa, pudemos verificar que a grande maioria dos trabalhos, direta ou indiretamente voltados à análise do periódico *Nova Escola*, concentra-se em torno da produção bibliográfica realizada em cursos de mestrado. Foi possível computar 35 dissertações, irregularmente distribuídas no intervalo de tempo averiguado. As teses de doutorado figuram em número discreto, às vezes sequer aparecendo durante alguns anos. O total delas não passa de 11, o que, conforme nossa hipótese, deve estar relacionado tanto ao maior número de mestrandos e de programas de

mestrado espalhados pelo país, como pelas inquietações mais imediatas de grande parcela dos pós-graduandos, que, *a priori*, buscam esse nível de ensino para objetivar melhores práticas pedagógicas, em busca de *formação continuada*. Nessas circunstâncias, uma revista que circula pela maioria das escolas brasileiras e cuja linguagem está direcionada exatamente *para o professor do ensino fundamental e para quem educa* emerge como objeto privilegiado de atenção para os discentes de mestrado.

Talvez, por isso mesmo, há numerosa incidência de pesquisas referentes ao mote *identidade e modelo docente ou representações sobre a docência*. Em geral, tais pesquisas tematizam sobre perfis de professor difundidos pelo periódico e sua concepção de trabalho docente, explicitando a onipresença de um imaginário pedagógico ainda relacionado à figura do professor ideal. As pesquisas sobre práticas pedagógicas vinculadas ao ensino de disciplinas também são comuns. Muitos trabalhos põem em relevo a concepção de *Nova Escola* sobre o processo de ensino-aprendizagem de determinadas disciplinas escolares ao longo da educação básica, perpassando-se aspectos tangenciais à formação especializada do docente e ao desenvolvimento de práticas curriculares consideradas adequadas para campos específicos do saber. É relevante, ainda, o número de estudos sobre as linguagens e discursos expressos pela revista, com muitas análises a respeito das formações discursivas e efeitos de sentido nela materializados.

No entanto, observa-se que a categoria inclusão, tomada como nosso objeto de análise para o desenvolvimento da citada dissertação, sequer aparece dentre aquelas que puderam ser elencadas acima, dada a ausência de pesquisas investigando as tematizações de *Nova Escola* sobre a temática inclusão escolar. Tal fato revela uma contradição, porquanto a revista tem publicado diversas matérias referentes à educação inclusiva, algumas delas como reportagem de capa, colocando-se como defensora e promotora do movimento inclusivista no Brasil. Para fornecer uma ideia de como esse tema repercute na revista, além das diversas reportagens referentes ao assunto já publicadas entre 2001-2011, podem-se retomar os dizeres de Grossi (2009). Ao apresentar a segunda edição especial de *Nova Escola*, totalmente direcionada à inclusão escolar de alunos com deficiência, o então diretor de redação informa que:

Em setembro de 2003, experiências bem-sucedidas de escolas inclusivas foram apresentadas em nossa capa [de *Nova Escola*]. Três anos mais tarde, em outubro

de 2006, publicamos uma edição especial integralmente dedicada ao assunto. E voltamos em outubro de 2007, com mais uma capa (em que, pela primeira vez, o foco central era a importância de ensinar). Agora [isto é, com a edição especial sobre inclusão escolar lançada em 2009], você tem em mãos mais uma etapa dessa trajetória de apoio aos professores e gestores que têm estudantes com deficiência na escola (GROSSI, 2009, p. 6).

Nessas circunstâncias, é de se perguntar por que, então, as pesquisas acadêmicas, mesmo quando elegem a revista *Nova Escola* como objeto de estudo, têm desconsiderado sua estreita proximidade ao ideário inclusivista, conforme expresso em suas páginas. Essa interrogação permanece em aberto, instigando-nos a compreender as múltiplas determinações e inter-relações existentes entre a concepção ideológica do periódico e os apelos do movimento inclusivista. No máximo, até o presente momento, podemos dizer que, hipoteticamente, parece existir um consenso tácito cerceando a crítica mais ousada em torno do “fenômeno” inclusão escolar, que, na acepção de Bezerra e Araujo (2010), integra a esfera do politicamente correto. Em virtude disso, é possível supor que são reprimidas e silenciadas as vozes de muitos educadores e pesquisadores que visam adotar uma *leitura crítica* a respeito do movimento inclusivista em educação.

Justamente nesse espaço lacunar e tenso se inserem nossas investigações, segundo já dito, com o propósito de captar a ideologia difundida pelo periódico em relação à escola inclusiva. Uma vez que não puderam ser encontrados estudos nessa direção, é preciso observar como a revista vem se ajustando à lógica inclusiva que tem se tornado hegemônica no espaço escolar, no discurso governamental e na agenda pedagógica, observando-se em que medida o tratamento dessa questão, pela revista, reflete e refrata sua linha editorial e suas características. Nesses termos, a análise das reportagens sobre inclusão escolar, publicadas pelo periódico entre 2001-2011, poderá contribuir não só para o entendimento das proposições políticas oficiais pertinentes à constituição da escola inclusiva, como para o delineamento das características da própria revista. Esta, em seu discurso, tem incorporado as reivindicações por uma perspectiva educacional inclusiva. Daí a necessidade, com certa urgência, de uma pesquisa sobre a categoria inclusão em *Nova Escola*.

Por outro lado, é preciso salientar que incomoda o tom prescritivo acerca do *fazer* docente expresso em suas páginas, pelo que se impõe ao *indivíduo* professor a responsabilidade por seu sucesso ou fracasso em sala de aula. Como sugerem ainda os resultados do levantamento ora socializado, também é fundamental mencionar a relevância

de mais estudos concernentes às representações da revista sobre diversidade cultural, orientação sexual, lúdico, avaliação e planejamento didáticos. O tema da alfabetização, sobre o qual muitas matérias já foram e continuam sendo publicadas, com dicas *eficazes* ao *mestre* alfabetizador, sequer aparece entre as prioridades dos estudos. Tais indícios devem funcionar como um alerta para que passemos à escuta desses *silêncios gritantes*.

As lacunas e silenciamentos falam, ainda, da necessidade de pesquisas mais abrangentes relativas à concepção do periódico sobre práticas de gestão escolar, haja vista a crescente evidência dada ao tema não só nas páginas da revista *Nova Escola*, mas, sobretudo, no periódico *Nova Escola Gestão Escolar*, lançado há cerca de três anos pela FVC.

Igualmente, a constante difusão, pelo periódico, do lema *aprender a aprender*, com seus ecos escolanovistas/construtivistas, precisa ser melhor explicitada. Entendemos ser necessário descrever, com clareza, os argumentos *modernizantes* utilizados nas reportagens, a fim de se perpetuar o pensamento pedagógico liberal-burguês, materializado sob a roupagem eclética do Construtivismo. Este, por sua vez, desponta como único projeto educacional válido na sociedade capitalista dominante, embora precise cada vez mais deflagrar mecanismos para a recomposição de sua hegemonia. Dessa perspectiva, *Nova Escola*, para abrandar as críticas endereçadas à perspectiva construtivista, tem feito concessões paliativas e superficiais a outros discursos político-educacionais: o tradicional, o histórico-crítico, o freireano, sem falar nas pedagogias sedutoras da pós-modernidade. A essência, entretanto, permanece a mesma.

5. Considerações Finais

Fundamentados no estudo realizado, parece-nos que há um vasto campo de investigações, cuja organicidade, se aprofundada, pode revelar intenções, contradições e concretizações político-ideológicas que têm caracterizado o ideário educacional brasileiro, conforme apropriado e representado por *Nova Escola*.

Nosso mapeamento consiste somente no primeiro passo dessa caminhada, oferecendo uma sistematização provisória e sincrética, para usar um termo corrente entre os propositores da Pedagogia Histórico-Crítica. A intenção maior é que outros estudiosos (re)signifiquem as inter-relações e jogos de poder existentes no encontro dialógico

estabelecido entre a mídia impressa dirigida a professores e a agenda pedagógica hodierna, escolhendo seus próprios caminhos teórico-metodológicos para *ler* a educação *em* revista.

Referências

BAPTISTA, I. C. Q.; ABREU, K. C. K. A História das revistas no Brasil: um olhar sobre o segmentado mercado editorial. **Biblioteca On-Line de Ciências da Comunicação**, 2010. Disponível em: <<http://www.bocc.ubi.pt/pag/baptista-iria-abreu-karen-a-historia-das-revistas-no-brasil.pdf>>. Acesso em: 9 nov. 2011.

BARBOSA, A. J. G.; MAZZONETTO, K.; MIRANDA, J. A. Inclusão escolar na revista Nova Escola. In: CONGRESSO BRASILEIRO MULTIDISCIPLINAR DE EDUCAÇÃO ESPECIAL, 4., 2007, Londrina. **Anais...** Londrina: ABPEE, 2007. Disponível em: <<http://www.psiquiatriainfantil.com.br/congressos/uel2007/057.htm>>. Acesso em: 8 out. 2011.

BARROCO, S. M. S. **A educação especial do novo homem soviético e a Psicologia de L. S. Vigotski**: implicações e contribuições para a psicologia e a educação atuais. 2007. 414 f. Tese (Doutorado em Educação), Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Araraquara, 2007. Disponível em: <<http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/cp042915.pdf>>. Acesso em: 22 fev. 2010.

BEZERRA, G.F.; ARAUJO, D.A. de C. As aparências enganam: a pretexto de uma crítica radical sobre o ideário inclusivista. **Educere et Educare** – Revista de Educação. Cascavel, v. 05, n. 09, n.p., jan.-jun. 2010. Disponível em: <<http://e-revista.unioeste.br/index.php/educereeteducare/article/view/2690>>. Acesso em: 21 abr. 2011.

CHOPPIN, A. História dos livros e das edições didáticas: sobre o estado da arte. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v.30, n.3, p. 549-566, set./dez. 2004. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ep/v30n3/a12v30n3.pdf>>. Acesso em: 8 out. 2011.

COORDENAÇÃO de Pessoal de Nível Superior (Capes). Banco de Teses. Disponível em: <<http://capesdw.capes.gov.br/capesdw/Teses.do>>. Acesso em: 5. nov. 2011.

DUARTE, N. **Educação escolar, teoria do cotidiano e a escola de Vigotski**. Campinas: Autores Associados, 1996.

DUARTE, N. **Vigotski e o “aprender a aprender”**: crítica às apropriações neoliberais e pós-modernas da teoria vigotskiana. 4. ed. Campinas: Autores Associados, 2006.

DUARTE, N. Conhecimento tácito e conhecimento escolar na formação do professor (por que Donald Schön não entendeu Luria). In: _____; FONTE, S.S. della. **Arte, conhecimento e paixão na formação humana**: sete ensaios sobre Pedagogia Histórico-Crítica. Campinas: Autores Associados, 2010. p. 7-37.

FUNDAÇÃO Victor Civita. Disponível em: <<http://www.fvc.org.br>. Acesso em: 8 out. 2011>.

GENTIL, M.S. **Revistas da área da educação e professores – interlocuções**. 2006. 160 f. Tese (Doutorado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2006. Disponível em: <<http://www.bibliotecadigital.unicamp.br/document/?code=vtls000378392&fd=y>>. Acesso em 9 out. 2011

GENTILI, P. Adeus à escola pública: a desordem neoliberal, a violência do mercado e o destino da educação das majorias. In: _____ (Org.). **Pedagogia da exclusão**: crítica ao neoliberalismo em educação. 16. ed. Petrópolis: Vozes, 2009, p. 215-237.

GROSSI, G.P. Muitos (e bons) motivos para comemoração. **Revista Nova Escola**, São Paulo, ano XVI, n. 139, p. 4-5, jan.-fev. 2001.

GROSSI, G.P. O barato da revista. **Revista Nova Escola**, São Paulo, ano XX, n. 238, p. 7, dez. 2010.

GROSSI, G.P. Obrigado, professor. **Revista Nova Escola**, São Paulo, ano XXVI, n. 239, p. 10-11, jan.-fev. 2011a. (Edição Comemorativa de 25 anos).

GROSSI, G.P. Mudar – para melhorar. **Revista Nova Escola**, São Paulo, ano XXVI, n. 249, p. 8, mar. 2011b.

GROSSI, G.P. Sempre com você. **Revista Nova Escola**, São Paulo, n. 24, p. 6, jul. 2009. (Edição Especial Inclusão).

IANNI, O. O cidadão do mundo. In: LOMBARDI, J.C.; SAVIANI, D. SANFELICE, J.L. (Orgs.).

Capitalismo, trabalho e educação. 3. ed. Campinas: Autores Associados; Histedbr, 2005. p. 27-34.

KOSIK, K. **Dialética do Concreto.** 7. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002.

MARTINEZ, D. **Implicações do Lúcido na Educação Escolar:** uma análise da Revista *Nova Escola* (1996-2004). 2006. 112 f. Dissertação (Mestrado em Educação), Pontifícia

Universidade Católica De São Paulo, 2006. (Resumo). Disponível em:

<<http://capesdw.capes.gov.br/capesdw/resumo.html?idtese=20063033005010001P9>>.

Acesso em: 6 nov. 2011

NOVA ESCOLA. Disponível em:

<<https://www.assine.abril.com.br/portal/revista/initRevista.action?codProjeto=960&codCampanha=AEAF>>. Acesso em: 9 nov. 2011.

NÓVOA, A. **A imprensa de educação e ensino:** concepção e organização do repertório português. In: CATANI, D. B.; BASTOS, M.H.C. (Orgs.) **Educação em revista:** a imprensa periódica e a história da educação. São Paulo: Escrituras, 2002. p. 11-31.

NOVA ESCOLA: há 25 anos, a revista de quem educa. **Revista Nova Escola**, São Paulo, ano XXVI, n. 239, p. 104, jan.-fev. 2011b. (Edição Comemorativa de 25 anos).

NOVA ESCOLA. O que você precisa saber sobre a revista Nova Escola e a Fundação Victor Civita. **Revista Nova Escola**, São Paulo, ano XXVI, n. 245, p. 16, set. 2011a.

SANCHES, A. **Entre clones, transgênicos e células-tronco:** A revista *Nova Escola* ensinando Genética e Biotecnologia para professores. 2007. 121 f. Dissertação (Mestrado em Educação)

- Universidade Luterana do Brasil, Canoas, 2007. Disponível em:

<<http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/cp043607.pdf>>. Acesso em: 6 nov. 2011.

SANTOMAURO, B. Três ideias sobre a aprendizagem. **Revista Nova Escola**, São Paulo, ano XXV, n. 237, p. 78-81, nov. 2010. (Teoria Passada a limpo).

SAVIANI, D. **Escola e Democracia.** 33. ed. Campinas: Autores Associados, 2000.

SILVA, D. A. B. M. da. **A mídia a serviço da educação**: a revista *Nova Escola*. 2009. 116 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação), Faculdade de Comunicação e Educação, Universidade de Marília, Marília, 2009. Disponível em: <<http://www.unimar.br/pos/trabalhos/arquivos/06B91DBAB57EB983A36331A142E67B98.pdf>>. Acesso em: 10 out. 2011.

SMOLKA, A.L.B.; GENTIL, M.S. Duas revistas, três artigos, múltiplas vozes: um estudo sobre modos de dizer e posições sociais em textos para professores. **Cadernos Cedes**, Campinas, vol. 24, n. 63, p. 193-213, maio-ago. 2004. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ccedes/v24n63/22594.pdf>>. Acesso em: 9 out. 2011.

Enviado em Novembro/2011

Aprovado em Março/2012